O GURU DA FLORESTA

JOSÉ VILELA





Todos os direitos desta edição reservados para Entrelinhas Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vilela, José

O guru da floresta / José Vilela ; [ilustrações Fernando Ordakowski]. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2013.

ISBN 978-85-7992-048-6

1. Ficção brasileira I. Ordakowski, Fernando. II. Título.

13-10016

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

Editora Maria Teresa Carrión Carracedo

Produção Gráfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Ilustrações Fernando Ordakowski

Diagramação Maike Vanni

Robinson Borborema

Revisão Marinaldo Custódio









Às crianças e aos professores da Amazônia brasileira.



Primeira Parte

Primeira Parte	
Como surgiu este livro	15
Contato assustador	19
Macacos têm alma?	22
Pesquisa suada	24
O fantasma voltou	26
A macacada	29
70 dias depois	31
Na mata fechada	34
A verdadeira história	36
Enfim, a mão na massa	39
Livros da macacada	40



Segunda Parte

•	nncoso na festa da banana	45
	Macaco Pancoso	48
	Crise existencial	50
	Sinhá Mamãe	52
	Convite para mamar	56
	Xamã Sombra Pequena	57
	Na Maloca do Buritizal	61
	Zangalhão ameaça	63
	Concurso das Bananas	64
	Troféu Papa-banana	67
	Enfrentando a fera	68
	Lição dolorosa	70
	Pé-de-raio	74
	De volta à selva	75
	O Capelão	77
	Medida Provisória	79
	Revelação	81
	Na Capital da Pizza	84



Terceira Parte

O casamento que termina mal87				
	Flor-dos-ventos	90		
	Onça Macho	92		
	Makunaima	94		
	O acidente	98		
	Tuxaua Marcha Lenta	101		
	O plano da onça	102		
	Pondo as unhas de fora	105		
	A viagem	108		
	Chegada triunfal	109		
	Aplausos para o cavaleiro	111		
	A virada do jogo	113		
	Pajé Gavião-fumaça	114		
	Santa Maria de Milnomes	115		
	A chave da vida	116		
	O casamento	119		
	A vingança da onça-pintada	120		
	O retorno de Zangalhão	123		
	Guariba de sorte	126		
	De volta ao lar	127		
	Vacina contra a corrupção	129		
	Lei do Aborto Livre	131		
	Caçada mortal	134		
	O último desejo	137		
	Pós-escrito	139		





= Primeira Parte =

Como surgiu este livro...

Há quem diga que a vida é uma festa. Outros dizem que a vida é uma aventura sem fim. Para este escrevinhador a vida tem sido uma maratona suada. Uma tragicomédia com algumas surpresas agradáveis.

Vou contar uma delas, que explica o surgimento deste livro. Ou seja: seu aborto. Prefiro assim. E logo o leitor entenderá por que.

Acatando a sugestão de um amigo, alguns anos depois de publicar o livro *Macaco velho não pula em galho seco*, fiz uma ligeira revisão nele e começava a planejar uma segunda edição da referida obra infantojuvenil.

Contudo, de repente uma série de imprevistos e pequenos obstáculos emperrou o andamento do projeto editorial. Aí resolvi dar um tempo, pôr uma pedra em cima do assunto, para descobrir o que estava pegando.

Afinal, depois de 60 anos de luta pela sobrevivência aprendi com o lufa-lufa da vida que nada acontece por acaso. Basta ler a linguagem dos sinais.

Foi então que ocorreu algo incomum. Inacreditável.

Comecei a sonhar com macaco. Dia após dia eu sonhava vendo um guariba-vermelho sentado na cadeira da mesa do computador que divide o quarto comigo, juntamente com duas estantes de ferro e um guarda-roupa.

Bem, essa presença começou a me incomodar. Dias seguidos vendo um macaco sentado ao lado da nossa cama não é nada confortável, não é mesmo?

Busquei compreender o ensinamento daquele símbolo onírico em um dicionário de sonhos. Sobre sonhar com macaco o livro dizia:

Se estiver pulando de galho em galho, pare um pouco e centre-se; se estiver guinchando ou saltitando, aquiete a mente com meditação; se estiver imitando outros, reconheça e mude comportamentos loucos que pegou de outras pessoas. Macaco vê, macaco faz. Fixe a direção dentro de si mesmo".

Pois bem. Na minha interpretação o livro de sonhos não me revelou quase nada. O macaco dos meus sonhos estava sentado numa cadeira, imóvel e simplesmente olhava para mim, tranquilamente, sem dizer nada.

Porém, confesso que aquela frase "macaco vê, macaco faz" mexeu comigo, profundamente. Não sei explicar por que, mas mexeu.

Assim, comecei a olhar para dentro de mim mesmo em busca de respostas, porque o macaco não largava do meu pé.

Mas o que aconteceu posteriormente é que foi de arrepiar o cabelo. Coisa de deixar qualquer um de miolo mole, com um pé no manicômio.

Contato assustador

Na noite do dia 10 de janeiro o macaco fez contato.

- Huhuhu! Você não está sonhando, eu estou aqui mesmo - ele disse e saltou em cima de minha barriga, como se quisesse entrar em mim.
- Sai pra lá, rabudo! eu gritei e levantei de um salto em direção ao interruptor da luz. Meu coração quase saiu correndo na frente de tanto susto que levei.

Para evitar outra abordagem do macaco, que me parecia alma penada do outro mundo, revirei na cama o restante da noite com a luz acesa.

Dez dias depois ele reapareceu. Quando dei pelo quadrúpede no meu quarto, de supetão sentei-me na cama pronto para outro esparrame.

- Não tenha medo, sou do bem ele sussurrou, tentando me acalmar, e acrescentou: Sou o personagem do seu livro. Huhuhu!
- Personagem... do meu livro? Que... livro? balbuciei, mais assustado do que rolinha em arapuca, doido para escapulir.
 - Huhuhu! Do Macaco velho não pula em galho seco.
 - Hã?! Você é o... macaco velho?

O símio rebateu visivelmente contrariado:

— Velho é acervo de museu. Huhuhu! Deixe-me apresentar o degas aqui: meu nome é Macaco Pancoso. Tudo na natureza tem um nome, sabia? Aquele seu livro está viciado de equívocos e erros na abertura e no desfecho da história.

De repente senti uma paz interior indefinível, como se estivesse diante do mestre que aparece quando o discípulo está tonto. Apesar de o quarto receber pouca luz, eu percebia o guariba-vermelho na sua totalidade.

Desarmado com sua crítica, fiquei em silêncio querendo entender se realmente aquilo estava acontecendo ou se era um sonho. Ou pesadelo.

E o guariba continuou descendo a mutamba:

— Além do mais, você me tirou da floresta-lavrado e me levou para a floresta-pantanal. Huhuhu! Não gostei nada dessa adaptação, você me tirou do meu habitat. Tal como o bicho-homem, o macaco também tem raça, grupo social, família, individualidade, preferências. Huhuhu! Não é só um "macaco" nem um índio bêbado na Capital da Pizza, a quem se possa meter fogo no ponto de ônibus.

De mansinho fui entendendo melhor o significado do sonho: "Macaco vê, macaco faz". E me senti envergonhado do mico que paguei.

— Cadê a técnica? Huhuhu! Você acha que não precisa da técnica, que pode escrever só pela intuição, mas não pode. É preciso conhecer a técnica para criar o próprio estilo e romper padrões narrativos, desconstruir a teoria.

Eu não sabia o que dizer. Estava como que hipnotizado. E o guariba-vermelho puxando minha orelha sem dó nem piedade.

— Esqueça esse macaco velho do Pantanal. Huhuhu! Vou contar e você vai escrever a verdadeira história do Macaco Pancoso.

Nesse momento o sangue me subiu na cabeça e descasquei:

 Não recebo ordens de macaco e não vou escrever patavina nenhuma.

- Ora, ora! O primata pelado tem o preconceito à flor da pele: "Não recebo ordens de macaco!". Huhuhu! A Constituição Federal, no capítulo da Comunicação Social, prevê no artigo 5, inciso V: "É assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além de indenização por dano material, moral ou à imagem".
 - Fala sério!
- Estou falando. Além do mais, como você é jornalista, na qualidade de agravado eu exijo a aplicação do artigo 29 da Lei de Imprensa nº. 5.250/67, para reparar sua gafe literária. Huhuhu! Lá diz que "toda pessoa natural ou jurídica, órgão ou entidade pública, que for acusado ou ofendido em publicação feita em jornal ou periódico, ou em transmissão de radiodifusão, ou a cujo respeito os meios de informação e divulgação veicularem fato inverídico, ou errôneo, tem direito a resposta ou retificação". Huhuhu!
- Santo Deus! Deixe de lero-lero. Legalmente, já se extinguiu o prazo pra você fazer essa exigência extrajudicial...
- Huhuhu! Pode ser, mas não caducou a possibilidade do bugionça aqui infernizar sua vidinha de eremita do asfalto e transformar seu teto numa casa mal-assombrada... Huhuhu! Assim sendo, exijo que você reescreva minha história.
- Caramba! Por que você não interferiu quando eu escrevia o "Macaco velho"? Por que esperou tantos anos pra se manifestar?
- Por que você não estava pronto, seu tonto! Huhuhu! Tudo tem um tempo certo. O curau sempre acha que é me-

lhor do que o milho e do que o agricultor que plantou a semente e colheu a espiga. Quase todo ignorante é ignóbil.

- Hum... Vou pensar no assunto eu disse cabisbaixo.
- Huhuhu! Pense e repense. Volto daqui a 40 dias.

Macacos têm alma?

Depois do segundo encontro com o guariba-vermelho, que se apresentou como Macaco Pancoso, passei dez dias febril, sem apetite. À noite tinha pesadelos e vivia assustado que nem coelho apedrejado numa horta telada.

Meu grande medo era que ele realmente voltasse a aparecer, ou talvez que não voltasse a dar as caras. Nem sei ao certo.

Realmente fiquei encucado com aquela comunicação paranormal. Afinal, aquilo estava acontecendo de fato? Eu estava me comunicando com uma alma do outro mundo? Ou tudo não passava de um delírio de esquizofrenia?

Diante do dilema, fui para a Internet pesquisar um assunto sobre o qual nunca havia me detido com atenção: os animais selvagens têm alma, espírito, como os humanos? De repente tudo me pareceu óbvio e até me vi questionando: não seríamos nós, humanoides, os verdadeiros selvagens deste mundo-cão?

Confesso que no final dessa pesquisa me senti idiota e grotescamente estúpido como os maiorais da Igreja Católica Apostólica Romana do passado, que questionavam se os negros e os índios tinham alma... Além de ler alguns artigos sobre o assunto no Google, ainda encomendei três livros a respeito da temática. São eles:

Os animais têm alma? / Ernesto Bozzano A alma dos animais / Irvênia Prada Animais, nossos irmãos / Eurípedes Kühl

Pronto, a partir da leitura desses livros, meu relacionamento com o Macaco Pancoso mudou radicalmente. Da minha parte não havia mais dúvida, medo nem perplexidade. Nossos encontros passaram a transcorrer na mais pura normalidade.

Sim, acredite se quiser. Depois de esmiuçar o assunto, passei a dialogar com o guariba-vermelho com a mesma naturalidade com que dialogava telepaticamente com as entidades das visões que eu tinha quando tomava chá na União do Vegetal ou no Santo Daime. A ayahuasca me punha em contato com seres e imagens indescritíveis do mundo paralelo e nem por isso eu sentia qualquer tipo de medo.

Também foi a partir do encontro com Pancoso que passei a acreditar que o mais importante na vida não é ver para crer, mas sim crer para ver. Para esclarecer esta afirmação acrescento que, naquele momento da jornada da minha alma, eu andava envolto com a leitura das obras de Allan Kardec e Pietro Ubaldi.

Concluindo, reafirmo que Shakespeare tinha razão: "Há mais coisa entre o céu e a terra do que possa supor nossa vã filosofia". Eu sou testemunha disso.